

acertos entre os três grupos. Os internos tiveram maior porcentagem de acertos nos temas relacionados a higienização das mãos, pacote de tratamento de 6 horas e escore qSOFA. Os estudantes do 8º período tiveram maior facilidade nas questões do formulário mais relacionadas à higienização das mãos (100%), obrigatoriedade da coleta de lactato (95,8%), pacote de tratamento de 6 horas (95,8%) e definição da síndrome (95,8%). A análise dos dados permite concluir que os entrevistados tiveram conhecimento adequado sobre a sepse, porém ainda são necessárias atualizações em relação aos novos conceitos e ferramentas de diagnóstico sugeridas pelo Sepsis-3. Apesar das divergências em relação à aplicabilidade deles no contexto de países com menos recursos, como o Brasil, a instituição de um protocolo unificado é imprescindível para a diminuição da mortalidade da sepse.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102088>

PI 093

CARACTERÍSTICAS EPIDEMIOLÓGICAS DA HANSENÍASE NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2015 E 2020

João Victor Falcão Batista,
Eduarda Lopes de Freitas,
Emanuelle Leite Rodrigues, Julia Ataulo Borba,
Heloísa Rosa, Juliana Cristina Marinheiro

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivos: A hanseníase é uma doença infecciosa causada pelo *Mycobacterium leprae*. No Brasil, é um importante problema de saúde pública, sendo de notificação compulsória e investigação obrigatória. O objetivo deste trabalho é analisar os casos de hanseníase notificados e relacionar a prevalência com características sócio-econômicas.

Metodologia: Dados referentes às notificações de hanseníase, publicados no SINAN-DATASUS (Doenças e Agravos de Notificação), entre 2015 a 2020, foram tabulados, analisados, e comparados com os publicados em trabalhos científicos relacionados ao tema.

Resultados: Entre os anos de 2015 e 2020 foram notificados 195.429 casos de hanseníase no Brasil. As maiores notificações ocorreram em 2018 (20,45%). As regiões Nordeste (42,3%), Centro-Oeste (21,2%), e Norte (14,4%) se destacam. As maiores prevalências foram observadas nas regiões Centro-Oeste (52,3/100.000 hab) e Norte (41,8/100.000 hab), em 2018. A região Sul apresentou o menor número de notificações (3,24%), bem como, a menor prevalência (2,1/100.000 hab, em 2020). A análise da distribuição dos casos por ano demonstra uma importante queda em 2020. A região Norte, por exemplo, apresentou queda de 46% entre 2019 e 2020, passando de 38,1/100.000 hab para 20/100.000 hab. A pandemia de COVID-19, bem como, as medidas de isolamento implantadas para seu controle, podem ter refletido na menor busca por atendimentos em saúde. Análise de casos por sexo demonstra predominância do sexo masculino em todas as regiões e anos analisados. A hanseníase é considerada uma doença

negligenciada, sendo esse conceito atribuído às doenças de maior ocorrência em países em desenvolvimento. Condições de vida precárias, pobreza, baixa escolaridade e fome são fatores de risco. Além disso, diferentes trabalhos associam a endemicidade de hanseníase à migração populacional. A baixa renda per capita das regiões Norte e Nordeste, bem como, dados referentes à pobreza podem explicar a alta prevalência de hanseníase nessas regiões. Movimentos migratórios associados ao crescimento econômico, ocorrido em cidades da região Centro Oeste, nos últimos anos, também são responsáveis pela sua endemicidade.

Conclusão: Podemos concluir que, embora o tratamento preconizado para hanseníase seja disponibilizado no SUS e, o mesmo seja eficaz, sua prevalência ainda não apresenta uma queda satisfatória. Regiões com baixa renda per capita e cidades que apresentaram alterações demográficas importantes, são endêmicas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102089>

PI 094

CARACTERÍSTICAS EPIDEMIOLÓGICAS DA SEPSE NAS UNIDADES DE SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2021: IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19

José Geraldo Santos de Lima Júnior,
Laís Delli Nogueira,
Luiza Maria Monteiro Canale,
Rodrigo Costa Sant Anna da Cruz,
Victória Andrade Solano Rodriguez Freitas,
Camila Richieri Gomes, Heloísa Rosa,
Juliana Cristina Marinheiro

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: A sepse é definida como alteração biológica decorrente de infecção, na qual o paciente apresenta resposta inflamatória desproporcional à agressão inicial, culminando em disfunções orgânicas, podendo evoluir ao óbito. Os principais agentes causadores de sepse são bactérias, fungos e vírus e, o ambiente hospitalar é o principal onde ocorre a transmissão dos mesmos. Em 2020 foi observado que pacientes criticamente enfermos com COVID-19 desenvolveram alterações fisiológicas condizentes com quadro de sepse. Este trabalho tem como objetivo analisar as notificações relacionadas à sepse no Brasil, nos últimos anos e, verificar se houve alguma alteração ocasionada pela pandemia da COVID-19.

Métodos: Dados referentes às notificações de sepse, proveniente do SINAN-DATASUS (Doenças e Agravos de Notificação), no período de Julho 2018 e Abril de 2021, foram tabulados, analisados e comparados com os publicados em artigos científicos de referência na área estudada.

Resultados: Entre julho de 2018 e abril de 2021 foram notificados 424.365 casos de sepse no Brasil. A maioria das notificações ocorreram em: São Paulo (24,47%), Minas Gerais (16,72%) e Rio de Janeiro (9%). As maiores mortalidade foram